

COLECÇÃO DE TEATRO

AGUSTINA BESSA LUÍS

O INSEPARÁVEL

PEÇA EM 3 ACTOS



GUIMARÃES EDITORES
LISBOA

O INSEPARÁVEL
OU
O AMIGO POR TESTAMENTO

AGUSTINA BESSA LUÍS

O

INSEPARÁVEL

OU

O AMIGO POR TESTAMENTO

PEÇA EM 3 ACTOS

GUIMARÃES EDITORES
LISBOA



PERSONAGENS

MARIA DOS ANJOS, a mãe

CÉLIA e GLÓRIA ROSA, as filhas

DELFIM, o pai

BRUNO, o filho

MARIA DE LURDES, LU, mulher do juiz

CIPIÃO, o juiz

FILOMENA, a criada

MIGUEL, o amigo

Cidade Fronteira, na Actualidade

ACTO PRIMEIRO

CENA I

Uma sala confortável numa cidade de provincia. Mapeles fundos, luzes baixas. Uma porta à esquerda, outra ao fundo. Grande janela ou varanda sobre a direita. Vê-se a janela da casa fronteira; uma figura ridícula de mulher velha está lá, cheia de laços e de arrebiques, com cães de regaço. Quando abre o pano, Glória Rosa está sentada; olha de vez em quando para os sapatos, as unhas, as meias, dá um jeito nos cabelos. É uma rapariga entre fútil e soberba; tem uma voz preguiçosa e sempre um pouco áspera. Está sentada sem fazer nada, e parece vestida para sair. Usa um grande colar de cristal sobre o vestido preto. Entra a mãe pela esquerda, com uma jarra de flores nas mãos. Vem pressurosa, pouisa as flores num móvel e volta-se para sair da sala. Depara com o espelho, ao passar. Mímica, sorrisos.

GLÓRIA — (Sem olhar) É hoje, não é?

MARIA — (Pequeno sobressalto) Está sai? (Acal-

ma-se) A menina parece parva. Que hábito detestável esse de se fazer despercebida e depois, quando assistiu bem à pantomima da nossa intimidade, salta com a mais inofensiva das perguntas. Acha isso muito mau hábito. Um carácter franco não suporta estar a ver sem ser convidado para isso.

GLÓRIA — O que é que eu vi? Nada... (*Levanta-se*) A mãe pensa sempre que tem segredos muito importantes. Os segredos dos pais quase nunca impressionam os filhos, nem eles os reconhecem. Eu perguntava só se é hoje que, aproveitando-se dum convite, dum abuso do antigo dono desta casa, vem fazer aqui o seu repouso o amigo sem razões para isso.

MARIA — Até me esqueço da tua insolência, para me rir do nome que dás a esse homem. O amigo sem razão para tal, o amigo deixado em testamento! Lindo, minha filha! Deixa-me sentar um bocadinho... Estive na missa; esta admirável terra não conhece as meias tintas. Disseram-me que tu estás noiva, completamente noiva, do Miguel.

GLÓRIA — Do amigo sem interesse nenhum? Estarei grávida também? Olhe a minha cinta... Não lhe parece grossa, e a minha cara cheia de pano? Ah cidade, a cidade de contrabandos e de maus ventos! (*Aponta a janela*) Desde os quinze anos que

tenho ali aquela velha a namorar todos os homens que passam, a vestir-se dez vezes por dia com vestidos diferentes. E o sol é como uma peneira velha que deixa passar um calor do inferno. A chuva apedreja-nos até ao fim de Maio, vemos campos de couves, oliveiras abertas pelos raios. Vida sem vergonha a nossa!

MARIA — Glória Rosa!

GLÓRIA — Glória Rosa, sim. Sim, Glória Rosa. Há nome mais expansivo, mais prometedor? Ui, quantas arrecadas de princesa tinem nas minhas orelhas, quando eu passeio! E as minhas faces são esplêndidas como uma maçã de Setembro... Olhe, mãe: porque não me deixa ir embora daqui?

MARIA — Eu? Mas, pequena... Nasceste aqui, eduquei-te o melhor que soube, e não foi para te largar por esse mundo fora, sòzinha...

GLÓRIA — E sem ter a impressão de que espinha. Sem ter a impressão de que me seguem, que exigem de mim até os pensamentos. Acha isto agradável?

MARIA — Não, não é agradável.

GLÓRIA — E sem ter a impressão de que esperam que estejamos descuidadas, para atirar de repente, no meio do nosso silêncio animado, do nosso

riso secreto, uma palavra destruidora. Acha isto bem?

MARIA — Não, também não acho bem...

GLÓRIA — Então? Tenho vinte e oito anos; a vida não é só isto, ano depois de ano, um dia e outro dia, à espera duma evasão legal. Estou cansada, mãe. Estou cansada.

MARIA — Temos que suportar. Temos que ter paciência. (*Indica a janela*) Maldita criatura! Lá mudou de vestido outra vez, e como faz boquinhos!... Não olhes para mim com esses olhos, Glória. Tenho pouco para te dizer, mesmo pouco... Sabes como adquirimos esta casa. Teu pai era um notário pobre, sem ambições, com um coração descoroçoado; era o mais insignificante duma família cujo espírito de tirania ainda tenho bem presente. Tinha um parente riquíssimo...

GLÓRIA — Eu sei. Chamávamos-lhe o zero à direita. Que tipo! Viveu a bater-se com a guarda fiscal, era amigo de todos os fora da lei, dos contrabandistas em geral; era um homem duro, com um passado muito feio.

MARIA — Era. Um dia, como estava velho e possuía muitos bens e não tinha herdeiros forçados, fingiu-se gravemente doente, e chamou os parentes para

que o tratassem. Chegaram todos. Na casa, nesta casa, não havia senão algumas batatas e um pouco de farinha. Nem azeite, nem pão, nem café — tudo parecia ter sido saqueado. O velho estava a padecer com a angina que o levou. Dava cada uivo que os cabelos se nos punham em pé. Era preciso ficar; ficar no desconforto, no frio, sem mais nada do que aquelas batatas para jantar e um resto de farinha azeda. Todos debandaram — o teu pai ficou.

GLÓRIA — Ao outro dia, o velho estava de pé...

MARIA — E durou alguns anos ainda. Deixou-nos a casa e as quintas todas. Eu tinha trinta anos, pouco mais, e estava acabada. Em vão eu tinha sonhado uma posição brilhante e olhara muitas vezes para o espelho como se cumprimentasse uma igual, mas que não tinha nada a ver comigo, e que era uma fascinante desconhecida, com cabelos loiros e sorriso espirotoso. Tantas vezes que eu censurei o teu pai pela falta de certa crueldade e manha, dotes que eu julgava serem os dos vencedores! Afinal, foi essa fraqueza monótona, essa sujeição de sempre, que nos deu a fortuna... (*Pequeno silêncio*)

GLÓRIA — Minha mãe!

MARIA — O que é?

GLÓRIA — Acha que valeu a pena?

MARIA — O quê?

GLÓRIA — Não teria preferido que o pai fosse de facto um homem — como direi? —, um homem menos tímido? Ainda que ficássemos toda a vida sem esta casa esplêndida, sem estes móveis, sem as quintas?

MARIA — Não sei... Agora estou tranquila. Quinze anos de sobressalto, de gavetas rapadas, de horas vazias do essencial, e de compostura doméstica em cima disso tudo, curam-nos de muitas vocações violentas. Só tenho um aborrecimento. É esse Miguel que no testamento veio também. Nunca soube muito bem quem ele era. Tem o direito vitalício de aqui demorar nunca além de vinte dias em cada estação; isto faz oitenta dias por ano, o que não é o bastante para conhecer um homem.

GLÓRIA — É o suficiente para nos aborrecermos dele. Será esse o marido que me está destinado?

Entra Delfim. Veste-se com uma elegância de há trinta anos, muito preocupado da sua apresentação, cabelo brilhante; fuma boquilha e afecta certos ares lânguidos de figurino. É um homem ainda esbelto, mas de expressão insípida.

Pouco sabemos dele, mas porque é que a grosseria nunca nos parece misteriosa?

CENA II

DELFIM — Queria dizer-te que te abstenhas do vinho da Madeira na carne... Fica doce, com um perfume de putrefacção. Não é desagradável ao paladar, mas ao cheiro é. E também quero avisar que o recheio do peixe deve levar queijo branco. Muito simples, com uma pitada de mostarda. Os agriões que sejam colhidos antes do completo desenvolvimento; nada pior que esse sabor carnudo das folhas em que o picante desapareceu. E ainda... (*Pensa*) Não me lembro! É curioso! Eu tinha uma recomendação séria para fazer! (*Olha pela janela, fica distraído*)

GLÓRIA — Uma recomendação séria!

DELFIM — Que estás a dizer? Não uses os cabelos apanhados, rapariga. Não tens assim o ar dramático que te favorece tanto. Gosto de te ver com o ar mais dramático.

GLÓRIA — É insuportável.

MARIA — Os cabelos soltos fazem-lhe calor. Deixa-a... Este ano o tempo tem-se mantido fechado, com nuvens como tapetes de lã. E a poeira mete-se nos olhos antes de chegarmos a abri-los. Não te importas que te diga uma coisa?

DELFIM — (*Leve sobressalto*) Que coisa? Podes dizer.

MARIA — Não devíamos ter ficado na casa, desta vez. Já é demais. Não é por mim, enfim...

DELFIM — Não devíamos? Mas para onde havíamos de ir, Maria dos Anjos? Desta vez é como outra qualquer. Estamos na nossa casa, ou não estamos na nossa casa?

MARIA — Estamos na nossa casa... Não sei bem. Todas as vezes que esse estranho aqui entra com os seus modos investigadores...

GLÓRIA — Com aqueles modos cobardes...

DELFIM — Sobretudo com aqueles modos completamente vulgares. O que é inacreditável é que ele não distingue um capão dum pato engordado com papas de farinha e soro. Um sujeito que se contenta com um bife e uma banana não é uma criatura normal. Palita os dentes e cospe para o lado os detritos, hábito que deve ser o requinte da inconveniência. Apesar disso, nunca me deu dissabores, é verdade. Mas não gosto do roupão de banho que ele usa até à mesa do almoço.

GLÓRIA — Vê-se-lhe o peito nu, e respira como um fole enquanto lê o jornal.

MARIA — É uma criatura que me deixa atordoada. Ele diz de repente: «Não estou a incomodar?» — e pergunta isto depois de apertar a nossa mão com

aquela mão suja, deita a cinza no tapete, e atreve-se com a criada, aquela pobre Filomena que não sabe onde se há-de meter...

Entra Bruno. É muito novo, com ar autoritário e seco, forçando-se a parecer mais homem junto daquele pai frívolo e ingénuo.

BRUNO — Não apareceu ainda ninguém? Mandei o Laurentino à estação, no carro velho, e disse-lhe para trazer o correio.

MARIA — Vão demorá-lo lá um horror, Bruno. Ao domingo, a distribuição arrasta-se até às quatro. A que horas vamos almoçar hoje?

DELFIM — Nem um minuto antes, nem um minuto depois do que deve ser. Temos enguias cozidas em vinho branco, e elas despedaçam-se se demoram a ser servidas. De resto, não há pratos que esperem, há, quando muito, apetites que se fazem esperar.

BRUNO — Também há fomes que desesperam. E meninos que se obrigam a estar sentados para esconderem as cuadas das calças, enquanto se conversa de maneira interminável sobre a forma de desenterrar as trufas.

MARIA — Bruno! (*Pausa*) Esqueceste-te mais uma vez de prender o cão com a corrente?

BRUNO — Esqueci.